43

COLÓNIA DE FÉRIAS DA M. P. F. NA PAREDE

Foto: GONÇALVES TORRES

REGRESSO DA PRAIA, PELA ESTRADA MARGINAL

SUMÁRIO

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacionalda Mocidade Portuguesa Feminina — Redadacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal n.º 8 — Telefone 4 6134 Editora, Maria Joana Mendes Leal — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

FLORES DE OUTONO

Foto: AGOSTINHO JOSÉ DA SILVA

OBRA DAS MÃES PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA

BOLETIM MENSAL

NOVEMBRO 1942

PREÇO AVULSO . . . . 1$00
ASSINATURA AO ANO 12$00

Foto: MÁRIO NOVAIS

Presente!

Ainda outra vez: — **Presente!**

Repetir mais — com mais alma: — **Presente!**

Sempre, sempre: — **Presente!**

Nem sempre é fácil...

Estar presente! em tôdas as ocasiões, quando o dever mandar; dizer presente!, cá dentro, talvez entre soluços e assomos de revolta, isto é, quando custa, e até porque custa; quando nos não compreendem ou não nos admiram ou louvam... nem sempre é coisa fácil, confessemos.

E confessar, é sentir esta dificuldade, não é merecer menos, antes pelo contrário.

Quere dizer que, às vezes, o Dever custa...

Cautela, no entanto, com as nossas complicações, com as complicações dos nossos egoismos... O que quási sempre é fácil, tornamo-lo nós às vezes difícil, ou menos fácil, porque ouvimos as vozes de fóra, as das nossas comodidades e vontadinha pessoal...

Sonhamos... arquitetamos castelos no ar... acostumamo-nos a certas facilidades ilusórias (coisas que nos... convêm) e daí depois tristezas, desesperos, aborrecimentos...

Quereríamos a vida à nossa maneira. A' nossa... e não como o Dever exige, isto é, como Deus quere.

A divisa de uma congregação religiosa feminina missionária, manda:

«Devotar-se e morrer»

Estou a ouvir-vos: e que vem ela aqui a propósito?!...

Talvez não... Mas penso que, com mais heroísmo ou com menos heroísmo, conforme vocações e estados, a verdade é esta: só sabe cumprir bem quem se põe naquele caminho.

Bem sabemos que o «devotar-se», no sentido da divisa importa uma doação completa, absoluta, total.

«Devotar-se», ali, é **dar-se** aos outros, e a Deus, sem pêso e sem medida. E' pensar só nos outros e nunca em si mesmo. E' cumprir heròicamente.

Tão heròicamente que a morte, uma morte linda, é o único limite.

Há vidas assim, a-pesar-de tudo, neste mundo materialista e egoísta: há milhares de vidas assim, graças a Deus.

Ainda há quem se dê até ao sangue, até à morte.

Não é esta a tua vocação...

De acôrdo. Mas, dize-me, se quizeres ser completa e perfeita no cumprimento do teu dever, de todos os teus deveres, poderás escapar à lei, quero dizer, a divisa proposta acima não deve ser a tua divisa?...

— Até à morte?...

— Meu Deus!... vamos lá, então, até às camarinhas de suor a perolarem à tua fronte... até ao esfôrço último... até à alegria de cantares dentro de ti, e na saúde de um olhar fresco e contente, que... cumpriste.

Presente! até aqui, até estares assim contente.

Presente! até àquela alegria sem nome de a gente se deitar à noite, o corpo desfeito, mas a alma felicíssima por se ter... cumprido.

Presente! até certas lágrimas e até certas renuncias. E olhai que uma gota de sangue fica sempre bem misturada a certas lágrimas e a suores bem derramados.

Presente! até esta gota de suor, calada e mística, mas sentida, voluntàriamente derramada dentro do coração — e sempre presente, ela também, à tua alma, para te animar e afervorar, para te queimar de febre alta, quando fôr preciso cumprir e cumprir bem — **heròicamente bem**.

Continua, então, a resar por aí fóra, por todo êste ano escolar fóra: **Presente!**

G. A.

Colónia de Férias da M. P. F. na PAREDE

Fotos: GONÇALVES TORRES

Numa festa da Colónias
Bailados: os «moínhos»

COMECEI a observar aquele rosto expressivo, quando reparei que pertencia a uma rapariga de farda, a uma rapariga da Mocidade que, de mala na mão, se adivinhava em direcção ao Caes do Sodré, com tenções de fazer uma viagem de "terminus„ na Colónia da Parede. Ao chegar à estação, aqueles olhos verdes, um tudo nada inquietos, abrangeram de um só golpe de vista todo o conjunto; felizmente que já lá estava uma amiga com quem se entreteve até à hora do combóio!

Porém... o tempo passa; é preciso entrar para o combóio. E aquele rosto, de feições que se querem tornar um pouco duras, esforçando-se por ocultar, num pudor excessivo, tudo o que vai "lá dentro" no momento da despedida, no momento de deixar Lisboa, no momento em que o combóio partia, deixava assomar, ainda que a mêdo, qualquer coisa de parecido com pezar por deixar a vida cotidiana, arrependimento da "ousadia„ de "ensaiar uns vôos independentes„, e inquietação pelo desconhecido que se estendia à sua frente.

Mas, à medida que o combóio avança na linha de Cascais, o ar, o mar, o sol, vão-lhe comunicando tôda a alegria de viver que irradia à sua volta, da areia, da água, das pequeninas pedras do caminho, de tôda a Natureza! A chegada à Parede refôrça essa alegria, e, à entrada do Colégio da Bafureira, onde são as instalações da Colónia, há uma coisa que lhe dá infinita consolação: a Sr.ª Directora recebe aquele grande grupo de "filhas„ com o seu sorriso tam amável, abrindo os braços a tôdas, num gesto acolhedor. E isso deu-lhe a sensação de "lar„.

Pouco depois da chegada faz-se a distribuição de quartos; e, depois do almoço e de a roupa estar arrumada, como a fadiga era pouca, aproveitou-se a tarde para brincar, pular, rir, cantar, enfim, fazer de repente, de um só jacto, tudo aquilo de que se tinha o coração cheio de desejos! Entretanto, as filiadas algarvias prolongavam o repouso num sono reparador duma viagem de 19 horas seguidas...

No quintal, a alegria era cada vez maior. E, seria ilusão, ou aquele rosto, que eu nunca perdi de vista, já estaria um bocadinho queimado? Quási que se não conhecia a diferença, mas em todo o caso...

Na brincadeira, ao sol, eu via-o animar-se, sorrir, entusiasmar-se quando não deixava cair a bola dura demais, ou quando conseguia arremessá-la bem. Embora de pequena importância, era um triunfo que lhe córava de prazer as bochechas risonhas.

Numa festa da Colónia: dansas regionais

De repente... a campaínha anuncia o jantar, e tôdas arremessam para longe as bolas, as cordas... tudo, e depois, numa rápida "toilette„, ei-las sentadas às mesas, comendo com um óptimo apetite.

Acabada a refeição, mais uns minutos de bricadeira; e, arreada a bandeira, seguiu-se a chave de ouro do dia: a oração da noite, durante a qual eu fitei aquele rosto pensativo, que olhava longamente a imagem diante da qual se ajoelhava e que lhe emprestava uma particula da sua muita doçura. Seria ilusão minha outra vez?...

Êsse minuto de paz findou, e deu comêço ao repouso nocturno, que ninguém desejava, mas que a todas agradou.

O segundo dia era Domingo. Depois da Missa, um pouco de brincadeira antes do almoço, e a seguir a êste, o repouso.

E no meio de jogos novos, de subidas aos espaldares, de tudo o que se pode inventar, o dia passou-se alegremente; e à noite, ao olhar aquele rosto que tanto me prendia a atenção, notei-lhe uma expressão radiante, da satisfação imensa. Porquê?... Porque no dia seguinte já se ia à praia! E esta palavra tam pequena, só por si fazia brilhar aqueles olhos que se iam deleitar no encanto das ondas...; só por si fazia entever novas brincadeiras, novas distracções!

E dêste modo se passaram os dias, todos iguais, em que se fazia sempre a mesma coisa, mas em que a monotonia não conseguia entrar por não querer acamaradar com a alegria. Havia sempre qualquer coisa de novo: a aprendizagem do "volley", o baloiço, o toldo, o órgão, os banhos, a "natação", tudo era motivo para festa... Cantava-se, e havia sempre uma cantiga nova para aprender; ria-se, e havia sempre uma anedota inédita para contar! Enfim, tudo era novidade! Quem não conhece a Bôca do Inferno? Pois o passeio até lá fez-se como se tôdas a vissem pela primeira vez; com satisfação, com curiosidade, mesmo...

Já a visita ao Estádio Nacional não foi parecida, pois poucas o conheciam. Aquele enorme recinto de linhas sóbrias, a magnificência e a simplicidade daquela arquitectura moderna, fazia com que tôdas se sentissem pequeninas ao olhar aquelas imensas escadarias...

Isso não impediu, porém, que se gozasse o explêndido passeio de regresso do Estádio, pela auto-estrada.

Tôdas estas sensações eu as vi reproduzidas no rosto que me despertou tanto a atenção e que vos apresentei. Reparei que tinha um jôgo fisionómico extremamente interessante, que se desenvolvia em ocasiões de maior entsiasmo. A 15 de Agosto, numo pequenina homenagem que se prestou à Virgem Maria,

brilhava de alegria ao sucederem-se, uns atrás dos outros, os cânticos escolhidos para a ocasião.

Dias antes de acabar o 1.º turno da Colónia, pensou-se em fazer uma festa de despedida. Começaram os ensaios, houve aborrecimentos, alegrias, triunfos, e no meio da azáfama própria da ocasião, eu vi a expressão dêsse rosto, que queria dizer: "O primeiro turno há-de marcar!„. Perdoável vaidade, assim como é também perdoável e absolutamente natural e para agradecer o orgulho de tôdas as pessoas que nele pensam com desvanecimento e dizem: "O primeiro turno fazia... No primeiro turno aconteceu... As raparigas do primeiro turno...„

Chegou o dia da festa. Todos os enganos dos ensaios se evaporaram diante do desejo de vencer e a sessão decorreu num ambiente agradável e de bom humor. E quando da assistência choviam os aplausos, aquele rosto transfigurava-se, e a mágua duma próxima despedida desvanecia-se perante um pensamento secreto: "Tenho esperança de que o primeiro turno há-de *marcar!*„

Nessa mesma noite, pelos corredores, há abraços e beijos, visitas aos quartos. Principia-se já a "dizer adeus„...

Dia 20... Dia da partida... Ultimo dia... O almôço toma-se quási em silêncio... Arrumam-se as malas junto umas das outras para não haver atrapalhações. Tiram-se umas últimas fotografias... Faz-se uma roda para se fingir que se está alegre e que se parte sem pena...

Ultimos momentos... É preciso ir para a estação... O combóio já foi avistado numa curva, lá ao longe. Fazem-se as despedidas, dão-se beijos em que fica uma amizade, dão-se abraços em que se põe tôda a alma... e entra-se para a carruagem.

E, ao partir, aqueles olhos, húmidos, mais verdes que nunca, cravados nas pessoas a quem se tinham afeiçoado, exprimiam já a mágoa imensa da saudade; e aquele rosto, contraído, tinha em si gravada a expressão de quem vai com vontade de ficar...

Maria Manoela Martins
Filiada 283 — Centro 1 — Lisboa

Para aquecer depois do banho: exercícios de ginástica

A caminho da praia

HERDADE DOS SANTOS MÁRTIRES—NO FIM DO OUTONO

Minha rica Filha do meu coração

Pois é verdade, fui a Fátima!... Tu bem sabes que nunca tinha ido a Fátima. Parece-me que nem mesmo desejava ir; ou desejaria? Muitas idéas me assustavam cobardemente, timoratamente... O caminho é tão longo! Os incómodos pelos quais lá se passa devem ser tão aborrecidos!...

E a lama em dias de chuva? E o frio? E o calor do sol ardente no verão? Em dias de peregrinação há gente de mais; em dias vulgares gente de menos...

A minha fé fortalecer-se-ia? Diminuiria? Valia a pena ir gastar dinheiro só comigo? Para um prazer só meu? E seria prazer?

Eu que preparei e facilitei a ida a Fátima de tantas pessoas que lá desejavam ir, não senti nunca coragem de preparar a minha.

Pois ontem, no caminho de Lisboa para aqui, veio-me, sùbitamente, a idéa de ir a Fátima.

Estava numa destas poucas ocasiões da vida que raramente nos são dadas a nós, mulheres, em que não é preciso pensar em acudir a ninguém, nem distrair ninguém, nem alegrar ou consolar ninguém... Enfim, estava independente: «Libre, libre como el ayre»! senhora ùnicamente da minha vontade...

Teu irmão Manuel foi com o carro buscar-nos à estação. Pedi-lhe que parasse no correio da primeira aldeia que atravessássemos; comprei um postal e escrevi-te com a caneta permanente do Filipe, mesmo sôbre o joelho: «Chegámos bem. Penso ir no sábado a Fátima». Deves ter recebido. Que espanto não teria sido o teu!...

E então hoje, sábado, não sendo dia 13, fômos e levámos a Silvéria. O tempo estava mau. De vez em quando caíam grandes bátegas de chuva grossa. O Manuel ao volante, o José cocheiro ao lado com a farda velha e, por cima, uma gabardine que foi boa. O Filipe à minha direita; a Silvéria em frente dêle (do que lhe pediu desculpa) com vestido qualquer e manta de sêda preta na cabeça. O Manuel, que é bonito rapaz, levava, contudo, um «bonet» que não lhe ficava bem. Eu?... A pensar que fazia anos e com tôdas as idéas desagradáveis que êsse facto me sugeria; com pouca elegância física e moral. O único de aspecto correcto de todos nós era o Filipe.

Que lindo passeio! Que lindo vale em Ourém! Que soberba ascensão pela serra, até Fátima!

Conforme se ia subindo o ar ia ficando mais puro. Fizemos um semi-círculo em volta do castelo de Ourém.

Conde de Ourém! Pensei com maguada saùdade em El-Rei D. Manuel... O querido Rei!...

Chegámos à aldeia de Fátima, mais adiante à Cova da Iria que fica situada em planalto pedregoso e árido. Vê-se um recinto murado, de dois hectares talvez, com várias construções por acabar. Largo portão dá ingresso nêsse recinto. Ninguém lá dentro.

Pregunto: «E' aqui? E' isto?» E tremo com mêdo que não nasça em mim uma qualquer emoção... O Manuel pára o carro junto das bicas da água, que não deitam água constantemente pois têm torneiras. Tirámos os dois grandes ramos de flores que trazemos e o Filipe conduz-me na direcção da capelinha tão pequena, de tamanho inconcebível, onde êle me diz estar a imagem venerada e que, à primeira vista, não tinha descoberto.

«Pois quê? E' só isto? Esta insignificância? O alpendre é maior do que a capela. Para ali é que tu me levas?»

Não responde; sinto-o fazer leve pressão no meu braço e deixo-me guiar como se deixa guiar o cego que tem confiança em quem o dirige. Várias muletas suspensas nas traves do alpendre, lembram curas milagrosas... São muletas pobres e sujas e, contudo, tocam-me no coração. Quanta dôr, quanto desânimo, quanto júbilo representam!

Será possível? E' porque elas estão ali a dizê-lo: paralíticos e entrevados andaram!...

Formulo a primeira oração, numa dolorosa anciedade:

«Senhora! Se outros entrevados também pudessem andar!...»

A porta da capela está aberta de par em par. Mas não é capela! E' um oratório! E que pobreza! Que ingenuidade na pobreza!

Como é que se pode imaginar coisa tão simples, tão absolutamente simples?!

Não me atrevo a entrar porque dou logo com os olhos na imagem, retirada um pouco no fundo do camarim, que não é camarim mas simples reentrancia na parede. Tem uma gaze branca estendida e esticada em frente como percebi depois; à primeira vista não se nota e a brancura dêsse véu transparente recua a imagem, esbatendo-lhe as formas e afastando-a um pouco de nós que, afinal, estamos ali mesmo.

Sinto de novo a pressão no meu braço; entro e ajoelho; ao pé de mim o Manuel, a seguir o Filipe. Está a capela cheia.

A Silvéria que se ajoelha atrás de nós, já fica de fóra e o José cocheiro que eu supunha a guardar o carro e percebo estar ali, também fica fóra.

Rezamos todos o têrço em voz alta.

Sôbre o altar poucas flôres e dois castiçais de

(Continua na página 13)

Foto HORÁCIO NOVAIS

Conselhos

RUSKIN recebeu um dia uma carta em que um grupo de raparigas lhe pedia os Estatutos duma associação que as agrupasse.

O célebre escritor inglês — que não foi apenas um admirador entusiasta da natureza e da arte, mas que profundamente se interessou também pelos problemas sociais e pela educação e influência da mulher — não lhes enviou os Estatutos pedidos, mas respondeu-lhes com vários conselhos, de que vou repetir-vos alguns.

«Empregai uma parte de cada um dos vossos dias num sério trabalho de agulha, fazendo vestidos, tão bonitos quanto vos seja possível, para os pobres, que não têm tempo nem gôsto suficientes para os fazerem bem para si mesmos».

Êste conselho, mesmo sem ter recebido a inspiração de Ruskin, tem sido pôsto em prática na M. P. F. O trabalho para os pobres é já uma tradição

Então, agora que se aproxima o mês do Natal, a agulha corre ligeira nas mãos das filiadas, preparando roupas para os pobrezinhos.

E a recomendação de Ruskin — que seja *bonito* o vestuário que se faz para oferecer aos pobres — é também inútil repeti-la às nossas raparigas, porque, na sua bondade delicada, elas têm tido sempre a intuição de que a caridade, para ser perfeita, deve alindar os seus dons.

Roupas bonitas, de bom gôsto e bem feitas... Sem nunca esquecer a modéstia da posição daqueles a quem se destinam.

Todo o luxo seria descabido. *Simplicidade de bom gôsto*, é sempre a regra de vestir bem, quer se trate de pobres ou de ricos.

«Deveis sempre mostrar aos pobres, pelo vosso próprio exemplo, como se veste dum modo correcto e com uma graça modesta, e ajudá-los a escolher o mais bonito e o mais apropriado para a sua condição. Se êles vêem que vós próprias não procurais vestir-vos dum modo superior à vossa condição, não serão tentados a vestir-se acima da sua».

Lição preciosa, que é um verdadeiro dever social.

Se as vossas companheiras e amigas, de condição mais humilde que a vossa, vos virem a querer ombrear no vestuário com outras mais ricas e de mais elevada condição social, quererão também elas ultrapassar a sua condição para se igualarem convosco.

E temos, assim, a corrida desenfreada pelo luxo: cada uma a querer parecer mais do que é e a gastar mais do que pode.

Na vossa própria casa. Se as vossas criadas, que conhecem talvez as dificuldades financeiras da vossa vida familiar, vos virem sacrificar o indispensável ao supérfluo, numa ânsia de figurar que não condiz com a vossa posição nem com os vossos meios materiais, que admira que pretendam elas próprias sair da sua condição para vos imitar na ambição e na vaidade?

Ruskin dá ainda às raparigas êste conselho: *«Não procureis nunca os divertimentos, mas estai sempre prontas a divertir-vos. A mais pequena coisa contém em si prazer para dar-vos, a menor palavra tem espírito quando as vossas mãos estão ocupadas e o vosso coração livre. Mas se fazeis do divertimento o fim da vossa vida, chegará o dia em que tôda a jocosidade dum espectáculo não conseguirá proporcionar-vos um riso honesto».*

E' realmente assim. Pouca alegria gosará quem a fôr buscar só aos divertimentos. Se levarmos para uma sala de espectáculo o espírito inquieto e o coração triste, as gargalhadas do palco não encontrarão eco em nós e a música da melhor orquestra não dissipará a nossa tristeza...

Pelo contrário, se a utilidade da nossa vida («as mãos ocupadas») nos deu aquela boa disposição que é a recompensa do trabalho e se, vivendo na graça de Deus, conservamos o «coração livre», possuiremos em nós-mesmas a nascente da mais pura alegria. Quando andamos em paz — na paz do dever cumprido —, quando vivemos na alegria — a alegria dum grande ideal —, um raio de sol tem explendores festivos para nós e uma formiga que passa é capaz de distrair-nos!

As crianças não precisam de divertimentos para gosar. Guardemos uma alma de criança na pureza e na simplicidade e o riso brotará constante e fresco dos nossos lábios, mesmo sem irmos procurar motivos artificiais para rir ao teatro ou ao cinema.

Procuremos a alegria onde ela verdadeiramente se encontra: no trabalho, na caridade e nas grandes afeições que Deus abençoa. Sêde úteis e sereis felizes.

Como vos diz Ruskin: *«Se não podeis fazer outra coisa, tornai-vos úteis com as vossas mãos: ajudai nos arranjos de casa, fazei a vossa cama, limpai e conservai em ordem os objectos de que vos servis. Ajudai as vossas companheiras e servi os pobres. Fazei dêles vossos amigos quando forem bons, como vos tornais amigas dos ricos, quando são pessoas de bem. Partilhai os seus sentimentos, trabalhai com êles... No que diz respeito à caridade material, deixai-a para os mais velhos e contentai-vos, como as jóvens de Atenas, na procissão da sua deusa tutelar, com a honra de conduzir os cestos».*

Quere dizer, recebei daqueles, que já não sabem talvez amar e sorrir como vós, as esmolas que a vossa caridade irá levar aos pobres, juntando-lhe o dom da vossa alegria e da vossa ternura.

E assim encontrareis a felicidade — não falsa como a do mundo, mas verdadeira como um dom de Deus.

COCCINELLE

Um livro de contas domésticas é educativo e moralizador

O luxo que dá nas vistas não é distinto e pode ser um desperdício culpado

Mais vale operário honesto do que elegante inútil

Raparigas que sabem, fazem florir à sua roda as doces virtudes familiares

AS NOSSAS RAPARIGAS

(CONTINUAÇÃO)

4.º — Façamos delas raparigas económicas que saibam não exceder nas suas compras os seus recursos e ter as suas contas sempre em dia.

Em geral, as raparigas pensam mais em gastar o dinheiro de que em economizá-lo.

O dinheiro representa para elas a realização dos seus desejos, que são, na maioria das vezes, a satisfação da sua vaidade.

E' natural que os olhos das raparigas se prendam nas montras onde aparecem tantas coisas tentadoras...

Mas é preciso que desde novas aprendam a regular as despesas pelas receitas, não se deixando vencer por apetites que, desiquilibrando o seu orçamento, lhes acarretam arrelias ou as levam a estratagemas complicados para resolverem situações difíceis.

Só uma vida ordenada é uma vida tranqüila, e as excessivas despesas, que trazem consigo a desordem, trazem também o desassossêgo.

A virtude da economia que desejamos para as nossas raparigas não é avareza nem a renúncia a todo o prazer.

E' discrição sensata, fiscalização das despesas, um livro de contas em que se aponta o que se gasta, pensando um bocadinho se o nosso dinheiro foi bem gasto...

Um livro de contas domésticas é educativo e moralizador.

A virtude da economia que desejamos para as nossas raparigas é a defesa contra as tentações e cuidado nos desperdícios, que chegam a ser culpados, existindo tanta miséria à nossa roda!

Uma rapariga económica não é aquela que corta no necessário: é aquela que evita o supérfluo, o inútil.

E' aquela que se sabe vestir de chita, quando os seus recursos não chegam para se vestir de seda, preferindo vestir-se com modéstia e viver com alegria, a vestir com luxo, atormentando os pais com as suas exigências ou inquietando-se a si mesma com preocupações de dinheiro.

5.º — Raparigas sensatas que compreendam que um operário honesto vale mais do que um elegante inútil.

O bom senso é uma virtude preciosa — e há quem diga que é rara!

Não admira, pois, que seja entre a gente nova, a quem falta ainda a experiência da vida, que o bom senso falta mais.

As raparigas com facilidade se deixam influenciar pelas aparências: o que é brilhante tem para elas muito maior poder de sedução do que é bom e sólido.

E mesmo em casos importantes, como é a escolha dum companheiro de vida, muitas vezes lhes falta a ponderação e o bom senso necessário para escolherem bem.

Qualquer *flirtador* de profissão tem junto delas mais facilidades de ser bem aceite do que um rapaz sério, mas menos prático em madrigais.

Falta-lhes bom senso para distinguirem os sentimentos verdadeiros dos fingidos e para reconhecerem que o que vale para a vida são as qualidades de carácter e de trabalho que dão segurança ao futuro.

Não se passa a vida a *flirtar* ou a dançar, e a resposta premiada do concurso americano diz uma grande verdade: «mais vale um operário honesto do que um elegante inútil».

6.º — Raparigas positivas, deixando o romanesco para os romances e amando a vida simples, na sua casa, que pelas suas próprias mãos procuram tornar agradável com pequenos trabalhos feitos ao serão e flores frescas.

Hoje, já poucas raparigas sonham ao luar e desfolham malmequeres. Mas se o romanesco de certas atitudes doutros tempos passou de moda, no entanto, com menos poesia, mas com iguais ilusões, as raparigas continuam a imaginar-se «heroínas de romances».

Os livros das bibliotecas «branca» e «côr de rosa», que lhes andam pelas mãos, mostram-lhes tantas «almas gemeas» das suas, que o seu destino — imaginam! — não poderá também diferenciar-se muito.

As mais sentimentais, sonham com o romance de amor que depois de 300 páginas de aventuras termina no 7.º céu duma felicidade eterna!

As mais modernas, sonham com uma ininterrupta cavalgada de prazeres...

E a vida é tão diferente!

Nem é um perpétuo idílio de amor, nem uma parada de divertimentos.

A vida é constituída por deveres e alegrias, inteiramente ligados.

Sem dúvida, se o amor faltasse, na casa vazia e fria não existiria felicidade.

Mas o amor que se acolhe no lar faz amar a vida simples, que se embeleza com o nosso trabalho, como se espiritualiza e eleva com a graça do nosso sorriso.

Raparigas positivas não são raparigas materializadas. São raparigas que, caminhando sôbre a terra, sabem fazer florir à sua roda as doces virtudes familiares.

Maria Joana Mendes Leal

O 1.º Curso Intensivo de Graduadas e Instrutoras

Foto: MARIA JOÃO

O ambiente ajudava a sonhar um ideal grande

NOTA

A M. P. F. preocupa-se com tanto cuidado da formação das suas graduadas que depois de ter posto tôda a diligência nos cursos que dão acesso às diversas graduações, procura ainda, em cursos de aperfeiçoamento, completar a sua formação integral.

Do mesmo modo, a formação das Instrutoras, — futuras Dirigentes que, sendo mestras, devem ser também educadoras — prende a atenção do Comissariado Nacional.

Realizou-se êste ano, durante o mês de Setembro, o *1.º Curso intensivo de Instrutoras e Graduadas*, no Instituto Feminino de Educação e Trabalho, em Odivelas.

Um mês de trabalho intenso e proveitoso, que marcou na vida das raparigas que o freqüentaram.

Melhor do que ninguém, elas próprias nos podem dizer o que êsse mês foi.

Escutemos uma delas...

Só quem já viveu um dia intensamente, pode escutar estas minhas palavras, que pretendem traduzir um mês de vida vivida. Só quem algum dia soube o que era trabalhar por amor e com amor, pode entender aquilo que a minha alma sente e quere dizer! Foi um mês cheio, o mês de Setembro! Foi um mês como nunca passou outro nos meus vinte anos. Foi um dia seguido a outro e mais outro e mais outro ainda, dias passados a viver com a alma e o coração sempre a subir, cada vez mais alto! Em cada hora que passava, um rasgo de luz divina inundava a nossa alma, fortalecia a nossa fraqueza, saciava a nossa sêde, aliviava a nossa dor, ajudava a vencer, a querer, sim, a querer!

O ambiente ajudava a sonhar um Ideal grande. Estávamos num antigo convento. Cada lugar era uma pedra de séculos, sôbre a qual erraram os passos daquelas almas que melhor amam, servem e conhecem a Deus, porque vivem na Solidão, e é lá, é no Silêncio, que Êle fala! As arcadas majestosas dos claustros impunham a sua severidade e doçura, evocando em nós o Santo Amor de Deus. Aquêles jardins floridos e silenciosos, eram tão lindos! Sentadas entre os canteiros, repousávamos e estudávamos com alegria e amor ao trabalho! As refeições, em mesas alegres e cheias de bom apetite, não permitiam pensamentos fora dêste mundo, que foi o nosso durante um mês! A camarata branquinha e arejada, era procurada para os momentos de repouso. Os serões, à noite, naquela salinha pequena, onde tôdas, Graduadas e Instrutoras, numa perfeita camaradagem, se reüniam ou para ouvir a Amália fazendo de «Rosinha» ou as canções suaves e lindas que a Sr.ª D. Olga entoava! E que mais? Tantas coisas, que a minha memória relembra, mas que não chega o papel para as transcrever tôdas. Tudo me ficou gravado bem na alma e no coração, e nunca mais sairá! Dia e noite embaladas pela canção dolente e meiga dos moinhos fronteiros, de velas muito alvas, quais pombas do Senhor, apontando o caminho para o Alto! E as nossas almas sequiosas e famintas, fitavam essas velas côr de neve pura, pedindo ao Céu que as tornasse tão brancas como as asas daquêle moinho! E lá íamos, umas agarradas aos penhascos agrestes do Gólgota do seu feitio, outras caminhando docemente no declive pequeno da sua bondade, mas tôdas na ânsia de subir, subir sempre, subir bem!

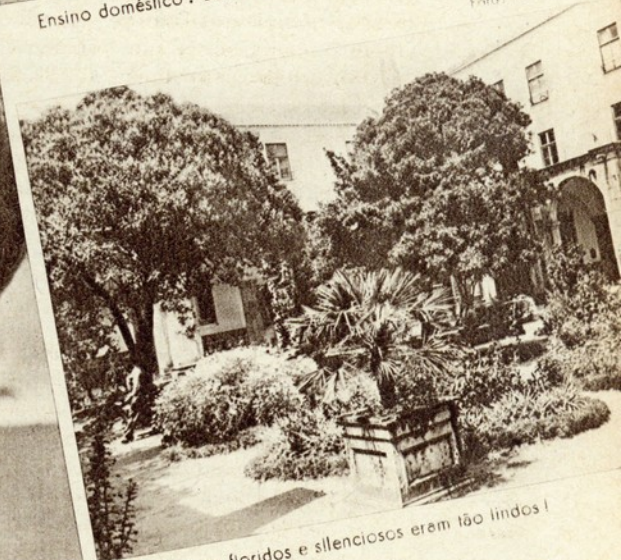
E assim decorreu o mês de Setembro, cheio de vida intensa, almas erguidas, aspirando mais alto, anciosas de luz e de amor, clamando bem alto o desejo de vencer e de bem Servir a Deus e à Pátria.

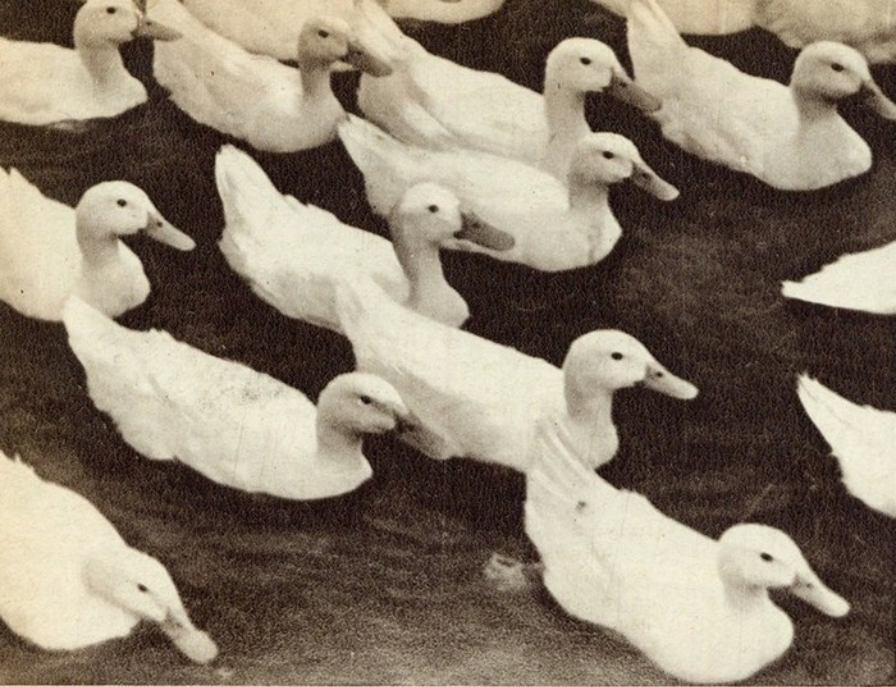
Maria Clotilde Medeiros Grácio Pires
Graduada do Centro 1 — Ala 3

Ensino doméstico: aulas práticas de culinária

Foto: MARIA JOÃO

Os jardins floridos e silenciosos eram tão lindos!

Puericultura: o banho do bébé

Educação física: ginástica

Fotos: GONÇALVES TORRES

O LAR

OS PATOS

Foto IRWIN

NÃO é difícil criar patos. São muito vorazes, comem tudo que lhes apareça e só exigem água para se banharem. Mas não precisam um grande tanque, basta-lhes uma pateira ou charca com água pouco profunda... Alguns, coitados, têm que se contentar com um alguidar ou pôças e nem por isso se criam menos bem. Falta-lhes no entanto aquela alegria com que se deitam a um rio ou tanque de grandes dimensões!

O pato vulgar é ainda muito próximo parente do prato bravo. Deixado em liberdade, volta muito fàcilmente aos seus hábitos, e a pata cria com freqüência no campo e aparece no pátio da quinta ou capoeira, com a sua ninhada, tempos depois. Nessa ocasião é preciso fechá-la com a sua prole, não lhe faltando com comida, se não ela desaparece definitivamente logo que para isso tiver oportunidade. Apesar-de os patos «engolirem» tudo com facilidade e acharem um petisco especial os caracóis, sempre gostam, (e engordam mais) se lhe damos uma boa refeição por dia, de sêmeas com hortaliças picadas, beterraba, etc.

Os patinhos pequenos comem o mesmo que indiquei para os pintainhos, mas são mais desembaraçados do que estes e dispensam os nossos cuidados mais cedo. — As patas nem sempre são boas chocadeiras e por isso confiam-se muitas vezes os seus ovos às galinhas que são melhores mães. Mas dá-se sempre o tão conhecido caso da galinha ficar estupefacta à beira dum tanque a ver os seus filhos postiços a banharem-se desembaraçadamente... Não se deve, no entanto, permitir que êles pratiquem essa façanha cedo de mais. Resfriam e têm então de se embrulhar numa flanela e pô-los a aquecer perto do fogão. Lembra-me de ver, um dia numa quinta, dois patinhos num cesto dentro da estufa do fogão da cosinha! Os patos bem tratados desenvolvem-se e engordam ràpidamente e estão bons para comer dentro de três ou quatro meses. Não se empoleiram, portanto não se devem colocar para dormir perto das galinhas ou perús, porque estando estes nos poleiros e os outros em baixo, o resultado não é brilhante para a limpeza dos pobresitos! E' sempre melhor dar-lhes uma habitação ou compartimento separado. Recolhem mais tarde do que as galinhas e sempre em grupo, a não ser quando as patas querem chocar ou pôr ovos. Procuram, então, ir para a sua habitação cedo e aí deve-se-lhes preparar uns cestos com palha onde possam fazer o seu ninho.

O modêlo mais vulgar e melhor de habitação para esta ave, é o de forma de cabana, elevada do solo uns centímetros (por estacas) e com uma rampazinha para subirem. O chão deve ser recoberto de serradurra ou areia para evitar a humidade que lhes é prejudicial.

Existem muitas raças diferentes de patos. Algumas lindíssimas. Sem falar na perfeição dos cisnes ou no tamanho dos gansos, lembra-me mencionar uns patos japoneses que vi numa exposição. Quási não pude acreditar que fôssem verdadeiros, pois que a sua côr e forma pareciam feitas de propósito para encantar a vista! Contou-me um estrangeiro, que, no Japão, o Govêrno Imperial dava, todos os anos, uma festa ao Corpo Diplomático. Era ela sempre uma caçada aos patos bravos. As senhoras eram também convidadas, mas nunca tinham ensejo, uma vez nos barcos, de dar um só tiro. Só os homens e sobretudo os japoneses, habituados a êsse desporto, podiam abater as lindas aves. Mas quando, no fim da tarde, chegavam aos automóveis para voltar a casa, encontravam-nos cheios de caça e a abrir-lhes a portinhola um funcionário Imperial que dizia, invariàvelmente, num sorriso: «A caçada de V. Ex.ª». Que delicadeza no oferecimento, e na verdade, que bonito presente! Existem tantas histórias encantadas ou encantadoras, em que os patos têm grande lugar, sobretudo nas lendas e vida dos países do norte da Europa, que gostaria de lhes falar mais nessa feição especial da sua existência; mas como não tenho espaço para isso, digo-lhes só que um dia voltarei a dizer-lhes, não como se criam patos, mas como êles têm tomado parte na história da humanidade.

FRANCISCA DE ASSIS

TRABALHOS DE MÃOS

CASACO DE MALHA

Este casaco, simples e elegante, é feito em malha lisa; a barra e a frente são em qualquer ponto de fantasia que faça contraste.

(Continuação da pág. 6)

prata iguais a uns que nós temos. Em frente, em cima de modesta coluna pintada de branco, uma lanterna, também de prata, destas que imitam as de folha de Flandres; dentro a luz de azeite, ardendo sem brochulear, imóvel, quieta, indiferente à forte aragem que sopra bem perto.

Penso: A nossa fé deve ser como aquela luz.

Acabado o têrço, rezo sòzinha, quási que me esqueço a rezar e, pela primeira vez na minha vida, compreendo a oração de Nosso Senhor no Jardim das Oliveiras, quando suou sangue. Rezo com tanta alma, tanta fôrça, tanto fervor que me surpreendo a transpirar muito, apesar do fresco. E rezava sem angústia! Jesus rezava com angústia infinita!...

Tinha metido num sobrescrito a esmola que pensava oferecer. Mostraram-me o enorme depósito de pedra onde os peregrinos depositavam confiadamente os seus óbulos. Eu hesito. Penso em ladrões no escuro da noite. Receio... Ou não quero dar anonimamente? — Talvez, porque digo: "Não seria melhor entregar ao prior de Fátima?„

A oração não me purificara.

Pregunta-se onde estará o Senhor Vigário, e como no-lo mostrem ao longe dirigimo-nos para êle. E' rapaz novo, baixo, de batina preta. O Filipe beija-lhe a mão e apresenta-se: "Um seminarista dos Olivais...„

Depois vira-se para mim: "A minha mãi não quere entregar agora a sua esmola?„ — "Quero.„

E entrego-a tão anonimamente como se fôsse no cofre de todos os outros peregrinos.

O Vigário, sem nos dar a mínima atenção, retira-se para falar com uns canteiros.

Assim mesmo é que é, e eu fui a Fátima receber uma grande lição. Desejo que seja completa e, antes de partir, digo aos filhos: — «Vou beber água daquela torneira que abriram agora e deita tanta quantidade. E há-de ser pelo mesmo púcaro que lá está, preso a uma corrente de latão, de ferro esmaltado e todo falhado. Hei-de completar o meu acto de humildade.»

Fui, e bebi. Senti primeiro forte hesitação logo apagada e vencida.

Beiços chagados, beiços leprosos, beiços novos, beiços velhos a tremerem, beiços doentes, tantos beiços que mergulharam no mesmo púcaro!! Mergulharam os meus também. Mas não tive merecimento e virtude para oferecer a Nossa Senhora, pois o meu acto de humildade não me custou, afinal. Quási nem senti repugnancia, a repugnancia que desejaria sentir para ter um sacrifício a depôr a Seus pés... Esqueci o púcaro e o frescor da água só me consolou.

Boa mãi é, na verdade, a Virgem Maria, e sem galas e sem aparato, sem riquezas, com modéstia e humildade dá de beber e consola, pedindo-nos em troca que sejamos também humildes, pobres em espírito, fortes em nossa fé e simples, simples... como as coisas simples.

Grande lição fui buscar a Fátima!!!...

Filha querida, estou serenamnte contente e serenamente te abençôo com uma grande bênção de amor...

MÃE

ERA UMA VEZ...

MATIAS o bondoso

Era uma vez (desculpem-me a repetição, sim?) uma viuva que tinha dois filhos. Costureira modesta, mas muito habilidosa, tinha grande freguesia naquela aldeia; e viviam bem os três, sem tristeza e sem pobreza.

Os dois rapazitos eram gemeos: Matias e Mateus; andavam na escola da terra e, coitaditos, lá iam dando boa conta de si com os seus nove anos.

Mas apesar de gemeos não se pareciam no génio: Matias era cheio de bondade e Mateus, menos esperto, refilava com o irmão. A bondade de Matias era já tão conhecida que na aldeia chamavam-lhe sempre o bondoso; e a mãe tôda se orgulhava daquela alcunha posta ao pequeno. Não consentia êle que se maltratassem os animais; e uma vez que viu Mateus matar uma lagartixa, Matias gritou-lhe:

— Deixa viver o animal! Não te lembras da cantiga que nos ensinaram na Créche e que cantavamos todos quando éramos pequeninos?

Mateus escancarou os olhos, espantado.

— Sim, sim — tornou Matias — diziam assim os versos:

Pobre bicho, pobre bicho,
porque te hei-de fazer mal?
Todos têm direito à vida;
mesmo um pobre animal!

— Há! Há! Há! — riu Mateus; e a própria mãe, sentada à máquina da costura, não pôde deixar de rir. Matias tornou:

— Nunca me esqueci... E quando vou a matar os bichos, logo me vem à ideia a cantiga da Créche.

— Eu gosto de os matar — declarou Mateus.

— Sou eu! Sou eu! Estou amarrado a um pinheiro!

— Nunca se deve fazer sofrer, nem pessoas, nem nada neste mundo — respondeu Matias.

— Ouve o teu irmão, Mateus — disse a mãe, parando de coser — e segue o que êle diz: tem só bondade no coração, coitado.

Mas Mateus, no mesmo momento, foi apanhar um gafanhoto e arrancou-lhe as asas!

— Ainda um dia hás-de ser castigado! — disse-lhe Matias, com lágrimas nos olhos.

Mateus não era mau: era estúpido; e não acreditava no sofrimento dos bichos.

— Gosto muito do meu gafanhoto — declarou êle, com sossêgo, metendo o desgraçado bicho na algibeira — e não quero que êle me fuja!

Havia naquela terra um pobre aleijado chamado Tibúrcio, que levava a vida arrastando-se pelo chão. Fizera-se engraxador, e inspirava a todos o maior dó!

Matias juntava os tostões que podia para lhe dar, falava-lhe com carinho, ajudava-o a atravessar as ruas da aldeia e protegia-o se acaso o rapazio ameaçava tratá-lo mal ou troçá-lo. A gratidão do aleijado era tão grande que tinha por Matias uma verdadeira adoração.

— Se eu pudesse fazê-lo rico, fazia! — dizia o desgraçado às vezes.

— Você nem andar pode! — troçavam os que o ouviam. E outros, com verdadeira crueldade, diziam-lhe:

— Você precisa de todos, criatura! e ninguém precisa de si!

Mas um dia...

A mãe dos gemeos mandou os filhos a um recado longe, muito longe. Tinham de atravessar a aldeia de lado a lado, meter-se pelo pinhal, e atravessar a ponte para levar um trabalho à outra aldeia do lado de lá do rio.

— Vocês vão cedinho, filhos, e vão os dois. Se daqui sairem de madrugada, ainda antes de romper o sol, podem estar de volta para o jantar do meio dia.

E assim se fez.

Os rapazitos sairam de casa pelas 6 horas, levando cada um a sua trouxa.

Mas depois de entrarem no pinhal o sossêgo era tão grande, a solidão era tão completa, que sentiam o coração apertado.

E Mateus, cheio de mêdo, gritou:

— Não vou mais longe; volto para trás.

— A Mãe mandou-nos seguir, Mateus: hás-de vir comigo — respondeu o irmão.

— Vai tu se queres; aqui fica a minha trouxa — e o malvado Mateus, deixando a trouxa no chão, correu a bom correr deixando Matias sòzinho no pinhal solitário.

Que mêdo sentia o pobre pequeno! Levantara-se um vento frio; e nem os pàssaros chilreavam nos altos ramos: era um silêncio triste por tôda a parte. Matias seguia depressa, com as duas trouxas debaixo dos braços; mas o caminho parecia não ter fim!

Finalmente, passadas horas e já cheio de cansaço, viu ao longe a ponte... Já pouco faltava para lá chegar.

Mas quando êle se preparava para descançar, sentando-se no chão musgoso, ouviu vozes e uma mão pesada caiu-lhe sôbre um ombro: dois homens de má catadura surgiram ao pé dêle, interpelando-o rudemente.

— Para onde vais, fedelho?

— Que levas nas trouxas?

Matias levantou-se, indignado, e respondeu:

— Vocemecês não têm nada com isso: vou aonde a minha mãe me mandou ir.

— Larga aí tudo o que levas senão... — e um dêles levantou o braço sôbre a cabeça do pobre Matias, enquanto o outro desembrulhava as trouxas e tomava conta do fato que continham,

— Amarra-se o garôto a um pinheiro e pronto, toca a marchar — disse um dêles, tirando da algibeira uma corda, e começando a prender Matias à árvore mais próxima; sem se importar com as lágrimas ardentes que inundavam a cara do pequeno.

Depressa os ladrões se sumiram pelo pinhal. Que seria do pobre Matias se durante horas ninguém ali passasse? Só Deus podia valer-lhe e foi em Deus que êle pensou, rezando do fundo do seu coração.

Quando Mateus chegara à aldeia estava Tibúrcio acocorado numa esquina, à espera dalgum freguez ou dalguma esmola. E o aleijado preguntou-lhe:

— Onde está o teu irmão?

Mas Mateus nem lhe respondeu e seguiu correndo. Tibúrcio ficou inquieto, sem saber porquê... E como ia às vezes a casa dos gemeos receber uma esmolinha da costureira, resolveu arrastar-se até lá e preguntar por Matias.

— A Francisca não está cá — informou-o uma vizinha — e os gemeos foram de madrugada levar trabalho para lá da ponte.

Tibúrcio ficou cismático... Não vira êle Mateus sòzinho? E o caminho para lá da ponte era tão grande... Quem sabe onde estaria Matias... Tibúrcio meteu-se a caminho, arrastando-se devagar, estafado, por vezes, mas cheio de fôrça de vontade. A' entrada do pinhal, parou. Teria fôrças para ir tão longe? Mas lembrou-se da bondade de Matias, do seu carinho, da sua caridade e... foi seguindo. Uma voz forte chamou-o de repente, e uma carrocinha parava.

— Oh desgraçado, para onde vais tu pelo pinhal fora? Vou meter-te na carroça e deixo-te a meio, se quiseres.

Era um trabalhador da aldeia; com verdadeira caridade lá içou Tibúrcio para a carrocinha. Na encruzilhada seguiu o seu caminho e deixou Tibúrcio a meio do pinhal. O aleijado já quási se arrependia da louca empreza em que se metera, quando um chôro forte e seguido chegou aos seus ouvidos... Tibúrcio gritou:

— Oh Matias, és tu?

O chôro parou de repente e a voz de Matias respondeu:

— Sou eu! Sou eu! Estou amarrado a um pinheiro!

Nunca, como naquele momento, Tibúrcio lamentou tanto a sua desgraça! Não poder correr, não poder precipitar-se a salvar o seu amigo, o único amigo que tinha neste mundo!

Mas não perdera a coragem. Chegado ao pé do pinheiro ao qual Matias estava amarrado, sem poder sequer chegar ao pé de sua cara chorosa, Tibúrcio disse-lhe:

— Tem paciência mais um bocadinho Mathias; eu sei onde mora aqui no pinhal um serrador de lenha; vou chamá-lo tão depressa quanto eu puder...

. . . .

Quando Matias, nessa mesma noite, abraçado ternamente à mãe lhe contou a tortura que passara, e a dedicação impressionante do pobre Tibúrcio, a costureira, comovida, murmurou:

— E foi a criatura mais fraca, mais insignificante, a única que te valeu! Tiveste a recompensa da tua bondade, meu Matias!

O próprio Mateus, envergonhado, resmungou:

— Portei-me como um pôrco... Não torno mais.

E, daí por diante, Matias e Mateus foram, mais que nunca, os protectores desvelados do aleijado Tibúrcio.

O SEGREDO DE CLARINHA

CLARINHA — Então para que serve? Nem pode falar bem as linguas.

CONDESSA *(contente)* — Pois aí é que te enganas, Clarinha: é uma portuguesa, sim, mas viuva dum antigo diplomata, e falando lindamente as linguas estrangeiras.

CLARINHA *(zangada)* — Então a Mãi já combinou tudo sem eu dizer o que preferia?

CONDESSA *(severa)* — Não sejas injusta, minha filha, nem impertinente. Tanto falei a respeito dessa senhora, como do colégio de S. José de Cluny: e quero, ouviste? que sejas tu mesma a resolver.

CLARINHA *(casmurra)* — O que eu preferia era continuar como até aqui.

CONDESSA — Isso é que é impossível.

Clarinha ansiava sempre pela hora das lições

CLARINHA — Então... antes quero ter de aturar a tal senhora: mais vale uma massadora do que vinte ou trinta...

CONDESSA *(desconsolada)* — Porque há-de ser massadora, Clarinha? Dizem-me que a sr.ª D. Beatriz é uma senhora simpática, alegre, adorando crianças...

CLARINHA *(encolhendo os ombros)* — Deixá-l'a vir, então: mas sinto que vou embirrar com ela...

E, daí a uns dias, estando Clarinha no jardim, a ler descançadamente, uma criada veiu chamá-la para ir à sala.

CLARINHA — Quem é que está lá?

A CRIADA — Não conheço, menina: é uma senhora alta, de cabelo branco...

Quando Clarinha entrou na grande sala, estavam duas senhoras sentadas ao fundo: e, a principio, vindo da luz intensa do jardim, mal distinguia as fisionomias.

CONDESSA *(afável)* — Vem cá, minha filha, quero apresentar-te...

CLARINHA *(aproximando-se)* — Aqui estou, Mãe.

A SENHORA *(levantando-se e estendendo lhe a mão* — Havemos de gostar uma da outra, estou certa.

CLARINHA *(encarando-a bem nos olhos)* — E' possivel...

A SENHORA *(rindo)* — Não é muito animador êste acolhimento...

CONDESSA — Clarinha tem um feitio especial, sr.ª D. Beatriz; mas tem uma grande e nobre qualidade, sabe?

CLARINHA *(admirada)* — O que vai dizer, Mãe?!

CONDESSA *(grave)* — E' absolutamente leal e sincera. Se quiser ir com ela ver os seus aposentos, sr.ª D. Beatriz, tenho nisso muito gôsto.

(E D. Beatriz Coutinho, sorrindo, agarrou Clarinha pela cintura e embrenhou-se com ela pelo escuro corredor).

III

Parecia, realmente, que aquela senhora tinha o condão de conquistar a simpatia de todos: foi um raio de luz brilhante que entrou com D. Beatriz no velho e soturno palácio de Alfama!

Clarinha ansiava sempre pela hora das lições; e o próprio catecismo, que antes lhe parecia pesado e massador com tanta coisa que mal compreendia, era ensinado pela boa senhora com um interêsse enorme.

CLARINHA — A lição de doutrina podia bem ser maior do que as outras, sr.ª D. Beatriz! Afinal, ontem ficámos em meio de coisas tão interessantes...

A SENHORA: *(levantando-se e estendendo-lhe a mão)*: Havemos de gostar uma da outra, estou certa

D. BEATRIZ *(rindo)* — Temos tempo, filha: o que se não acabou ontem continua-se hoje. Que queres tu desenhar esta tarde no quadro preto?

CLARINHA *(entusiasmada)* — Deixe-me ir seguindo o Velho Testamento, sim? Podia hoje desenhar Jacob e Esaú...

MÁRIO *(entrando a correr)* — Eu também quero fazer desenhos no quadro preto: a Arca de Noé!

CLARINHA *(aborrecida)* — O menino tem as suas lições e eu tenho as minhas.

D. BEATRIZ *(afagando Mário)* — Agora é a hora da mana, filho; mas logo, quando a mana fôr estudar piano, vamos nós falar do Noé e da arca, sim? *(E D. Beatriz levou o pequeno, um pouco amuado mas resignado, para fora do quarto de estudo).*

CLARINHA *(correndo para a porta e fechando-a à chave)* — Olhe, Snr.ª D. Beatriz, o melhor é fechar a porta à chave.

D. BEATRIZ *(abrindo-a)* — Não, Clarinha, isso não. Pode a tua mãe querer aqui vir, como é natural...

CLARINHA *(zangada)* — Para quê? a Mãe não precisa de cá vir para nada.

D. BEATRIZ *(triste)* — Como me entristece ver que não és amiga de tua mãe, minha filha.

CLARINHA *(sombria)* — Não é minha mãe: é minha madrasta.

D. BEATRIZ *(carinhosa)* — Diz-me lá, Clarinha, porventura esta senhora já alguma vez te tratou mal?

CLARINHA *(còrando)* — Isso não, minha senhora,

D. BEATRIZ — E nunca ouviste dizer o que foi a dedicação dela durante a longa doença do teu pobre pai?

CLARINHA *(baixo)* — Já mo disse a Perpétua.

D. BEATRIZ *(com fôrça)* — Então tens alguma razão para não gostares da tua segunda mãe, Clara? Tu és leal; fala com franqueza.

CLARINHA *(de cabeça baixa)* — Não tenho, snr.ª D. Beatriz: mas detesto-a!

D. BEATRIZ *(grave e triste)* — Minha pobre filha, tão nova e já podendo detestar alguém. Tenho dó de ti, podes crêr!

(Continua)

Agradecimento

Qual de vós, ao regressar da Colónia de Férias de Viseu, não pensou o que teria feito, durante o ano, que merecesse tão grande bem estar? E' verdade que tôdas nós trabalhámos; mas, fora do esfôrço que nos pede o ano escolar, que nos pedem os nossos professores, teríamos vivido aquêles meses de aulas? Teríamos sabido preenchê-los bem, pensando não só em nós, mas também nos outros? Teríamos feito melhorar a Escola que freqüentamos, e teríamos desenvolvido os dons que Deus nos deu? Oh! De quantas culpas, de quantas imperfeições nos acusa a nossa consciência! e no entanto, Deus infinitamente bom, deu-nos umas férias, umas férias para serem vividas como tal. Quantas raparigas não teriam que permanecer no bulício da sua cidade, respirando o mesmo ar viciado, vivendo no mesmo ambiente doentio, se não fôsse a criação da Colónia, que numas condições tão acessíveis se apresentou como uma recompensa às filiadas da M. P. F.?

Vinte e dois dias de férias! Vinte e dois dias de dôce paz espiritual! Grande camaradagem, muita alegria, muita amizade, eis o que reinou na nossa Colónia. Foram vinte e dois dias que ficam a viver no nosso espírito e que nos ajudarão a compreender que na simplicidade, no convívio do Senhor, na alegria franca e pura, se encontra a verdadeira paz. Graças a Deus, veiu-se melhor do que se foi. Subimos um degrau no caminho da Virtude. Ergamos as mãos ao Céu e digamos:

— Obrigada, meu Deus, pelo bem estar moral que me proporcionaste, o qual se vai reflectir na minha vida;

Obrigada, meu Deus, pelo bem-estar material que gozei, recuperando fôrças e preparando-me para um novo ano de trabalho.

B. E. C. — Filiada n.º 1296

Uma concertina passou...

Há loucura na noite, nas luzes!

Divertidíssima, leio a «Família Pirenga»: Lisboa século xx, Lisboa dos «Lélés» e das «Fifis», do calão e dos longos cabelos encaracolados — até parece frase de romance! —, todo o ridículo duns, todo o exagêro de outras; numa palavra: o retrato autêntico da Lisboa moderna.

Enroscada num confortável «maple», candeeiro focando um velho cão a óleo, perfil pensativo e descaído, cheio de nobreza e nostalgia das velhas caçadas, em que os donos não eram comodistas, e se levantavam antes do nascer do sol — não eram «swings», coitados!...

Numa semi-sombra, alinham-se os livros — fruto proibido, maior parte, infelizmente!

E, influência da noite, talvez, começo a lembrar a alegria doida das Fontaínhas... O passeio para cá e para lá, amanhã, no Palácio. Quem lá estará, e quem lá não estará... O «filme» a que faço conta de ir no sábado. O meu último chá... O «há que tempos» que já não danço! O meu vestido novo, que enchi de nódoas. Etc. Etc. Lembro-me de tudo, o que afinal é a minha vida de miúda de 16 anos.

Mas de-repente, senti ao longe qualquer coisa de muito meu, que me fez quási chorar, sem saber porquê... Mais perto, mais perto ainda... Entra pela janela, por mim dentro: é uma concertina! São notas alegres, semi-acabadas, sôltas, doidas! São as romarias! E' a minha terra! São as danças cheias de ritmo e meiguice dos meus montes, das minhas altas capelinhas! São os pés, as mãos, a cabeça, a mexerem-se lenta, ràpidamente! E' o cravo atrás da orelha! É a saia rodada, cheia de graça! E' o sol que aquece, mas não queima! E' o rio que corre de mansinho, sem pressas! E' a feira no areal, cheia de luz! — cabras verdes, boizinhos azuis...

E' tudo, tudo! Que me agarra, arrasta... foge! São umas saüdades imensas, maiores que eu, que me obrigam a chorar...

E tenho pena de não saber sentir como poeta!

Véspera do S. João de 42 — Eugénia (Aurora) Filiada n.º 3.157

Na despedida

Foi tão boa, a vida da Colónia na Parede!

Sente-se, ao partir, que cada uma leva consigo um pouco daquele ar puro que lá se respira... e há tanta falta de ar puro nas almas, almitas que se vão atrofiando à míngua dêle, como planta em casa fechada... E na Colónia abrem-se as janelas, entra luz, sol, e as vidas são mais santas, mais calmas, mais belas... quási se segue o pulsar de cada coração!

No plano da M. P. F., as colónias de férias são, sem dúvida, uma das melhores realizações.

O benefício material é de longo alcance, mas o reflexo moral é incalculável — a Colónia é escola prática de camaradagem leal, de obediência e serviço, porque lá, cada uma tem que viver para tôdas, no mesmo ambiente que se quere simples e puro.

...Passaram vinte dias — quantas peripécias e pequeninas comédias me não recordam!

Mas a grande festa, foi a de despedida!

Grande azáfama correu nos breves dias em que a preparámos, até se fêz o cenário dum bosque!

E a emissão de rádio-difusão e televisão, em que se parodiou a vida da Colónia? Para nós, foi um êxito.

Ao outro dia, foi a debandada.

Mal podíamos crer que estivesse no fim tão belo tempo, mas era bem verdade: fizeram-se as malas, que há tão pouco tínhamos desmanchado, e lá fomos caminho da Estação dizendo adeus a tudo que nos tinhamos habituado a ver.

Quando o combóio partiu, havia lágrimas nos olhos, e foi a senhora Directora quem, de banco em banco, as enxugou com festas e palavras amigas.

A' tarde, foram-se para as suas amendoeiras as colegas algarvias — novas despedidas, mas desta vez sem lágrimas.

Até para o ano! Até para o ano! diziam os olhos, segredavam os corações.

E quando o barco largou, aos lenços que se agitavam como as asas brancas das gaivotas, respondia o friso lisboeta, que em terra dizia adeus ao Algarve, com o Hino, cantado em toada popular:

Colónia querida,
Vamos-te deixar
Saüdade sentida,
Devemos levar!

Há só uma esperança
Em nós a brilhar.
E' de para o ano
Podermos voltar!

Maria Manoela Saraiva — Universitária — Graduada

Fotos: GONÇALVES TORRES — Na Colónia de Férias da M. P. F. de Parede: jogos